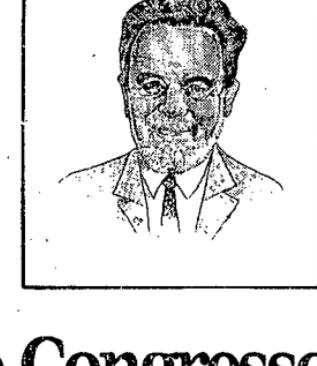


20 OUT 1994

19079 0

Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



Sinais de vida no Congresso

Havia choro e ranger de dentes. Muitos tapinhas nas costas, sorrisos e parabéns, também. Depois dos sofrimentos de campanha e da contagem de votos em todo o país, menos na vergonha nacional em que se transformou o Rio de Janeiro, o Congresso esquentava os motores para funcionar três dias.

As conversas giravam em torno das eleições. Muitos mineiros indignavam-se com o abuso do poder econômico nas eleições proporcionais.

— Acabou a política antiga, de cultivar bases eleitorais através de serviços às comunidades e conversas com os chefes políticos — lastimava Israel Pinheiro Filho, que conseguiu raspando a reeleição. — Hoje, basta montar uma banca, chamar os prefeitos e começar a distribuir dinheiro para se conseguir um mandato de deputado federal.

Tarcísio Delgado, líder do PMDB que não renovou o mandato, seguia na mesma linha, trocando informações com os correligionários. Eram todos unâmines em considerar que as campanhas de Eliseu Rezende, ex-diretor da Odebrecht e ex-ministro da Fazenda, e de Danilo de Castro, um quase desconhecido ex-presidente da Caixa Econômica que se elegeu pelo PSDB, foram as mais opulentas. Perto deles, Newton Cardoso e Sérgio Naya fizeram campanhas modestas, diziam, embora ambos sejam notórios pela generosidade de seus gastos eleitorais. Histórias semelhantes eram contadas por políticos de quase todos os estados, mostrando que a tentativa legal de reduzir a influência eleitoral do dinheiro fracassou.

O voto religioso era o outro assunto mais comentado. A Igreja Católica não parece ter tido sucesso. Em São Paulo, Irma Passoni, excelente deputada, e Chico Whitaker, vereador da capital, não conseguiram se eleger. No Rio, Cândido Mendes de Almeida, irmão de Dom Luciano, presidente da CNBB, tampouco conseguiu passaporte para Brasília. Em compensação, a bancada evangélica cresceu. Só no Rio, foram eleitos cinco, sendo três da igreja do bispo Macedo e Francisco Silva, da Assembléia de Deus e dono de rádios, foi o mais votado. O ex-deputado Daso Coimbra

tem uma explicação: 26% da população do estado é evangélica, o maior percentual do país. Os fiéis votam disciplinadamente. Se entregam à igreja um décimo do que ganham, porque hesitariam em entregar o voto?

Encerrados os júbilos e as lamentações, começou o balé pela presidência da Câmara. Fortes, são as candidaturas de Luís Eduardo Magalhães e de Inocêncio de Oliveira, do PFL, já que parece haver consenso entre os grandes partidos para entregar a presidência do Senado ao PMDB. Há, é claro, dez ou 12 outras candidaturas, mas que não correspondem a uma correlação de forças capaz de abalar as maiores bancadas. Inocêncio condicionou sua candidatura à posição de Luís Eduardo. Se ele for para um ministério, concorre. Não se impressiona com as postulações de Miro Teixeira e de José Genuíno.

— Esses, apesar de bons deputados, só existem como candidatos na mídia — diz.

— Dependem do espaço que vocês, jornalistas, lhes dão nos jornais. Voto, que é bom, não têm nem os de seus partidos.

Trabalho, até que houve. Na reunião de líderes para combinar a votação do Orçamento de 1994, os ministros da Educação e da Ciência e Tecnologia fizeram dramáticos apelos em favor de destaques que lhes permitissem pagar 43 mil bolsistas que desde agosto não recebem e o material escolar para os estados e municípios. Marcelino Romano, PPR-SP, aproveitou a brecha para pedir dinheiro para o Hospital São Paulo. Os nordestinos protestaram: tem seca! tem gente morrendo de fome! já não tem nem mais rato para comer! também quero dinheiro para o meu estado!

Quando o berreiro estava ensurdecedor, o baiano João Almeida deu um berro mais forte. “Senhor Presidente: temos um cadáver insepulto, apodrecendo, que é esse orçamento. Vamos fazer mais uma barbaridade, aprovando esses destaques e votando o orçamento sem nenhuma outra emenda.

Ou todos se locupletam, ou haja moralidade. Foi assim que se acertou a votação do orçamento do Brasil no ano de 1994. Bem no finzinho, já quase sem prêmio.